

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGENS PELA NOITE – O MUNDO DE ANATOLE LITVAK
20 e 23 de Dezembro de 2024

THE JOURNEY / 1959
(Crepúsculo Vermelho)

Um filme de Anatole Litvak

Realização: Anatole Litvak / Argumento: George Tabori / Direcção de Fotografia: Jack Hildyard / Direcção Artística: Isabella Schlichting e Werner Schlichting / Guarda-Roupa: René Hubert / Música: Michel Michelet / Som: John Cox e Kurt Schwarz / Montagem: Dorothy Spencer / Interpretação: Yul Brynner (Major Surov), Deborah Kerr (Diana Ashmore), Jason Robards (Paul Kedes), Robert Morley (Hugh Deverill), E.G. Marshall (Harald Rhineland), Anne Jackson (Margie Rhineland), Ron Howard (Billy Rhineland), Flip Mark (Flip Rhineland), Kurt Kasznar (Csepege), David Kossoff (Simon Avron), Gérard Ouvry (Teklel Haoufi), Anouk Aimée (Eva), etc.

Produção: Alby Pictures, para a MGM / Produtor: Anatole Litvak / Cópia 16mm, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 126 minutos / Estreia em Portugal: São Luís e Alvalade, a 21 de Abril de 1959.

AVISO: Vamos ver uma cópia em 16mm, que está em relativamente bom estado, sem muitos riscos nem saltos, embora com sinais evidentes do avanço da degradação cromática. Por motivos técnicos, e pelo facto de as bobinas não poderem ser montadas em dois projectores diferentes, haverá três breves pausas durante a projecção, com o ecran a negro.

O período final de Anatole Litvak, que depois de **The Journey** ainda dirigiria mais quatro filmes ao longo da década de 1960 (até ao fecho com *The Lady in the Car with Glasses and a Gun*, em 1970), tem alguns paralelismos curiosos com os de outro europeu emigrado em Hollywood, Otto Preminger. Como ele, Litvak tinha-se tornado essencialmente produtor de si próprio, e como ele sentiu várias vezes o desejo de regressar ao continente de origem para lidar (não exclusivamente mas frequentemente) com questões históricas, de história recente e até muito recente, e algumas vezes directamente ligadas aos seus próprios percursos pessoais. Nesta relativa especularidade de percursos há até um momento em que o espelho se torna singularmente nítido: se Preminger esteve em França a filmar o romance da mais nova coqueluche das letras francesas (em **Bonjour Tristesse**, de 1958, a partir de Françoise Sagan), Litvak não demorou muito a dar perfeito (nesta perspectiva “objectiva”, evidentemente) para esse filme, quando foi a França filmar (em **Goodbye Again**, de 1961) outro romance da mesma Sagan. É uma coincidência bastante curiosa, que pelo menos algum sentido terá – sobretudo como indicador da atracção destes homens de formação europeia pelo lastro intelectual do continente onde cresceram.

Não se tratava de fazer filmes “europeus”, eram muito mais Hollywood made in Europe, muito de acordo com o espírito das “runaway productions” que foi bastante típico do período final das estruturas de produção clássicas do cinema americano. *The Journey*, nesse sentido, tem que ser posto em perspectiva com o que foi o rumo de Litvak ao longo dos anos 50 (depois de **Decision Before Dawn**, em 1951), período em que ele sentiu cada vez mais atraído pela Europa. **Act of Love** em França, **Deep Blue Sea** em Inglaterra, e sobretudo um filme de envolvimento tão intrinsecamente europeia, directamente ligado à história da Europa do século XX, como foi **Anastasia**, momento em que Litvak abordou, muito especificamente, a história do seu país de origem (não esquecer que Litvak nasceu na Ucrânia, então integrante do Império Russo).

Abordar isso, abordar a Rússia soviética, pós-1917, era uma questão de **Anastasia** e volta a sê-lo aqui, a partir de acontecimentos filmados quase em cima do momento em que aconteceram – a revolta húngara de 1956 tinha sido apenas três anos antes de **The Journey**. Dir-se-ia que Litvak queria, sobretudo, filmar “os russos”, tal é a preponderância que as personagens russas, militares do estado soviético, têm no filme (sobretudo o major de Yul Brynner, que é o autêntico protagonista), embora não falem as personagens “ocidentais” com que a maior parte dos espectadores, deste lado da “guerra fria”, era suposta identificar-se. A matéria era politicamente sensível logo à cabeça, e se Litvak sabia que não podia ir filmar a Budapeste, tendo decidido filmar na Áustria, tão próximo quanto possível da fronteira húngara, as notícias da produção saltaram rapidamente a “cortina de ferro”, e diz-se que houve pressões soviéticas junto do governo austríaco para tentar impedir, ou pelo menos dificultar, o normal curso da rodagem. Pormenores da “pequena história”, que indicam também a importância – política, inclusive – de que o cinema se podia revestir ainda neste período.

Mas essa tensão também é o que dá mais sabor a um filme que está longe de ser o melhor de Litvak. O coração do filme são as longas sequências em que grupo de “ocidentais” (ele próprio um microcosmo) está retido no quartel-general dos soviéticos, meio-hóspedes meio-reféns, enquanto lá foram chegam os estalidos e o som dos disparos da violenta repressão da revolta húngara. É um grande jogo de sedução, no fundo, de sedução política, que se permite algumas tiradas curiosas as faz acontecer por norma através de momentos particularmente inspirados do diálogo, num ping-pong recriminatório entre soviéticos e ocidentais. É um pouco como – embora a natureza de uma personagem como a de Deborah Kerr não tenha nada a ver com a de Marlene Dietrich nesse filme – aquele final do **Shanghai Express** de Sternberg em que os passageiros do comboio ficam retidos nas instalações do militar rebelde e há todo um jogo de estranhezas e aproximações em campo. Mas longe dessa inspiração, longe até da inspiração do melhor Litvak.

Luís Miguel Oliveira